

“COM DOIS TE PUSERAM, COM TRÊS EU TIRO, COM AS TRÊS PESSOAS DA SANTÍSSIMA TRINDADE, QUE TIRA QUEBRANTO E MAL OLHADO PARA AS ONDAS DO MAR PARA NUNCA MAIS VOLTAR”: ENTRE AS REZAS DAS BENZEDEIRAS DE PELOTAS – RS.

SIMONE FERNANDES MATHIAS¹; PATRICÍA FERNANDES MATHIAS
MORALES²; CLÁUDIO BAPTISTA CARLE³

¹ Universidade Federal de Pelotas – ¹simonefernandezpel@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – ²patriciamoralespel@gmail.com

³ Universidade Federal Pelotas – ³cbcacle@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

E com essa reza que começo esse artigo, em minha convivência familiar tive bisavós que benziavam isso foi um dos motivos que me impulsionou a escrever essa pesquisa, trazendo minhas lembranças da infância onde no pequeno espaço de chão batido, nos fundos da casa de meu tio-avô tive meus primeiros contatos com esse mundo. Pelas mãos de bisa Candoca, entre as suas flores e folhas de chás, espadas de são Jorge e santa Bárbara, nas lanças de Ogum, alfazema, alecrim e guiné, dentre tantas outras que havia no seu quintal, dessa maneira foi sendo tirado de mim o mau olhado, a inveja, o quebranto, a dor de dente e ouvido, as pragas e tudo se curava com suas rezas faladas quase em sussurro, em palavras que eu não compreendia, mas hoje entendo como uma linguagem africana. Sendo assim fui protegida pelos “encantados”, como ela se referia aos que “cuidavam dela”, por seres que eu não enxergava, mas aprendi a sentir e respeitar. Busco trazer através da memória o coletivo de narrativas dos meus antepassados, onde cresci rodeada de histórias, cantigas e simpatias.

Dessa maneira retorno ao passado em busca de suas oralidades, que hoje é contada por minha mãe e tios, firmando e lembrando suas existências, fortalecendo minhas raízes e levando nossa ancestralidade, nessa escrita busco trazer esses corpos e falas, suas permanências e existências no mundo compartilhado pelo meu olhar e sentir de mulher negra. Sobre o mesmo Evaristo (2020) diz:

Escrivência, em sua concepção inicial se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres escravizadas tinham potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra a escrita nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais (EVARISTO, 2020 p.31).

Essa pesquisa em andamento se aprofunda na compreensão dos saberes de cinco mulheres benzedadeiras, moradoras da cidade de Pelotas - RS, onde a partir de suas narrativas e no acompanhamento em seus espaços, denominado por elas como terreiras e canto de reza. Busco saber como elas receberam esses dons e se essas práticas estão sendo passadas para a futura geração ou se há procura por aprender.

A escolha por trabalhar com mulheres, se deu através do campo que se abriu, pois os contatos para chegar aos benzedores homens não teve o retorno, mas também sei que o campo se transforma, dando a possibilidade da presença deles nessa escrita. O estudo da pesquisa está focado nas formas de interação de como as comunidades as procuram para além das curas, mas também aos aconselhamentos. Nas narrativas percebi que se formam vínculos familiares nesses espaços: *“eu me dava bem com a falecida [...] hoje a filha está por aqui, mas benzi-a quando estava na barriga da mãe, para vir com saúde nessa terra, agora ela me traz os meninos para eu benzer do quebranto e encalho”*. As práticas dessas mulheres evidenciam um processo de resistência identitária, pois, apesar dos avanços no campo da saúde, essas benzedoras continuam atendendo em suas comunidades, sendo procuradas em momentos onde aparecem as dores físicas, emocionais e espirituais. Elas contribuem com seus saberes, benzeduras, defumações, infusões, passes energéticos e banhos de ervas. Sendo essas moradoras de bairros que atendem cada um com suas especificidades. Entre elas, duas benzem a mais de cinquenta anos, como elas dizem: *“vim com a missão de rezar, de ajudar, tenho muita fé nas ervas”, “nós os pretos sempre nos cuidamos assim, isso vem de há muito tempo”*.

Essas mulheres estabelecem práticas de saberes sócio espacial, que mesmo inconscientemente possibilitam a manutenção e permanência desses contextos, entendendo esses como ligados à medicina popular. De acordo com OLIVEIRA (1985) as benzeduras são consideradas práticas sociais, vividas e procuradas por muitos indivíduos, sendo usadas como uma ferramenta de produção solidária, onde se procura a cura tanto para si, como aos demais que fazem parte de seu cotidiano e classe. As interlocutoras dessa pesquisa em sua maioria são mulheres negras, mas todas ligadas às práticas de religiões afro-brasileiras. Em nossa região se teve grande número de população negra, oriundos de diversas partes do continente africano, para a mão de obra escravizada.

Ao atravessarem o atlântico, a grande Calunga, junto a eles em seu ser e memórias veio as suas oralidades e culturas. Assim como, os indígenas que povoaram esse território, dessa junção de saberes, se deram muitos compartilhamentos de dons, em narrativas de minha mãe, conta que tem lembranças de sua bisavô indígena com o com o bisavô negro, onde eles praticavam as benzeduras juntos. A força da ação da benzedura é uma prática antiga, ancorada na ancestralidade e guardada na memória afetiva de muitos sujeitos, passada através da resistência da oralidade, num saber fazer, através do olhar, do ouvir e do sentir. Trazendo para prática do conhecimento antropológico, como cita Cardoso de Oliveira (1988), onde através do “olhar, ouvir e escrever” se dá o início do trabalho do antropólogo, numa reflexão acerca da construção do conhecimento, sendo esses instrumentos importantes que levamos para os campos de pesquisas.

2. METODOLOGIA

A proposta é encontrar as potencialidades nas relações dessas práticas de benzeduras, que se desenvolve nos âmbitos de famílias ligadas por consanguinidades ou por sistemas ligados a manutenção dos territórios das ditas

“comunidades de terreiro”, na preservação e perpetuação dessas experiências numa descrição densa (GEERTZ, 2008). Através da investigação de suas memórias e o entendimento desses espaços, estou participando com entrevistas e acompanhando as atividades das terreiras e canto de reza, descrevendo as suas dinâmicas, como as pessoas que ali frequentam, assim como, as suas práticas de benzimentos, entendendo que cada uma tem suas maneiras de proceder. Por meio da escrita do diário de campo, busco a etnografia enquanto modo de fazer e entender os espaços (PEIRANO, 2014). Observando os elementos materiais utilizados para perpetuação dessas práticas, como as imagens de santos católicos e dos orixás, o tambor, o cachimbo, as guias, o terço, o fogareiro, o carvão, o copo d’água, a tesoura, os panos, as velas coloridas, as moedas, as fitas, as pedras, a pomba (giz), o mel, o álcool para fazer as efusões, dentre outras que o campo vai apresentando, as fotos de agradecimento de curas e pedindo “energia” a distancia.

A ligação com as “entidades” que tem missão com elas, como a linha de pretos velhos e dos cablocos, assim como, as ervas usadas no ritual, como as sugeridas para os banhos de descarrego e suas funções, elas serão catalogadas, buscando entender se essas são usadas para fins específicos entre elas, e quais estão sendo substituídas, devido às mudanças do clima, falta de espaço e a poluição, contexto esse que foi relatado nas entrevistas. Outro dado é que se as rezas, faladas\cantadas em yorubá (dialetos africanos) estão sendo mantidas e quem pode aprender. Nesse compartilhar de saberes, surgiu a possibilidade de fazer uma roda de conversa entre elas, já que, algumas não se conhecem pessoalmente, mas sabem de suas práticas, por familiares, amigos ou por pessoas ao mudar de bairro são indicados a procurar suas casas. As fotografias e os vídeos serão importantes para a compreensão desse processo de pesquisa, assim como guardar suas memórias, visto que algumas estão em idades avançadas, onde entendo o processo de estar atenta as nossas conversas e aprendizados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados levantados respondem perguntas da pesquisa, sendo que as práticas de benzeduras continuam sendo passadas, para familiares e também para aqueles que têm respeito em aprender, em sua maioria mulheres, mas que ainda é pouca procura, comparando com anos atrás. Todas elas não concordam com os cursos de benzimentos oferecidos pela internet, pois entendem que, esse “dom” se recebe na dedicação, fé, no ouvir, sentir e na prática de entender essa missão, *“uma vez ganho esse merecimento, tu levas até o fim da vida ou enquanto puderes exercer, salvo por impossibilidade de doenças.”*

Através da proposta do neto de uma das interlocutoras, o Babalorixá Juliano de Oxum, que há muito tempo tem a intenção de homenagear a avó em vida, foi criado o primeiro espaço afro na cidade de Pelotas, com a parceria da Secretaria de Cultura (SECULT), com a proposta de ser uma exposição plural e construída no coletivo. Está exposta na Bibliotheca Pública Pelotense, denominado Espaço Cultural Afro Marlene Carvalho, inaugurada em 14 de junho desse ano, onde participei junto da equipe na elaboração do espaço, como também curadora da exposição e no levantamento dos objetos e vestuário doados para esse local.

Além da pesquisa etnográfica em andamento, onde as entrevistas estão sendo transcritas e organizadas, assim como o material fotográfico, para que no andamento da tese possa ser apresentado um documentário com a proposta de identidade visual sobre os espaços e as trajetórias das interlocutoras, através de parceria com a graduanda Gabrielli Mourige do curso Designer Digital da UFPEL.

4. CONCLUSÕES

Trazer questões que envolvem as tradições afrocentradas ligadas às práticas de benzedura, são importantes no compartilhamento das histórias saberes e oralidade da cidade de Pelotas. Desse modo, é lembrar a luta das comunidades negras em manter suas formas de ser e saber no mundo. Os territórios de benzeduras afrocentrados são os territórios de meus ancestrais, de meus avós. É uma visão de mundo que precisa ser compartilhada, descrever essas práticas é de alguma forma preservar sua existência e continuidade.

Compreendendo de quem somos não pode ser desassociada de onde viemos, pois a ancestralidade é uma forma de reconstrução da história, essa contada por nós. Nesse sentido o conceito do se entender no mundo para a população afro-brasileira e suas oralituras, é tão profundo como as raízes das Figueiras, simbolizando em terras brasileiras como os Baóbas da África. Nossos saberes, culturas, religiosidades e tecnologias chegaram pelos navios tumbeiros. Nossa escrita é plural, circular e oral, através desse caminhar no hoje, buscando no ontem a sabedoria, como Sanfoka o pássaro sagrado, remete ao voltar e buscar o conhecimento e caminhar para o futuro, sem esquecer “que nossos passos vêm de longe”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. “Tempo e Tradição: interpretando a antropologia”. **Sobre o Pensamento Antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: 1988. CNPq. Pp. 13-25.
- EVARISTO, Conceição. Escrivência e seus subtextos - **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. -- Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020. Cap. 2, p.31
- GEERTZ, Clifford, **A interpretação das culturas**. – 1ªed. 13ªreimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é benzeção**. Coleção Primeiros Passos 142. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, Ano, 20, n.42, p.377-391,2014.